

Atrair indústrias de ponta

por Luiza Pastor
de Brasília

AJ02629

O CORREDOR DE EXPORTAÇÃO

A indústria do Distrito Federal vive um momento crítico — e não é apenas por causa dos problemas econômicos e conjunturais que assolam o País como um todo. Basicamente, trata-se de um estágio de mudança de prioridades e alteração compulsória de perfil, decretada principalmente pela redução da base historicamente formada pelo funcionalismo público, que alavancava o crescimento natural de setores de consumo imediato, como a indústria alimentícia e de construção civil.

O achatamento salarial e a reforma administrativa do funcionalismo federal levaram uma grande legião de profissionais especializados a buscar a alternativa econômica do negócio próprio. Com isso, ao contrário dos restaurantes, salões de beleza, consultórios médico-odontológicos e bancas de advogados que formavam a tradicional empresa privada da capital federal, começaram a surgir centenas de pequenas e microempresas nas áreas de informática, mecânica e metalurgia, gemologia e outras especializações técnicas que deixaram de existir ou ser vantajosas no âmbito do governo.

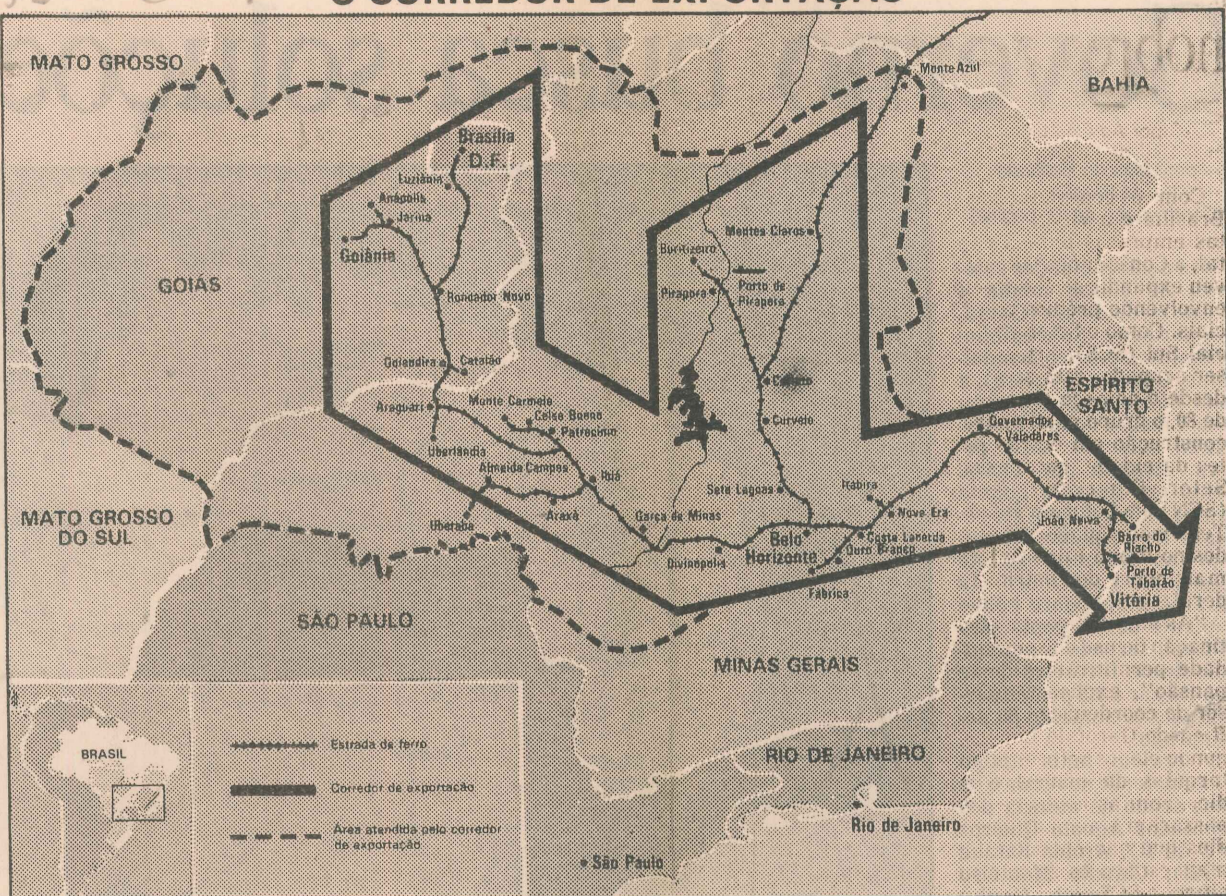
Essa tendência, aliada à alta tecnologia desenvolvida pela Universidade Nacional de Brasília, contribuíram para delinear o novo perfil incentivado pelo governo do Distrito Federal para a capital federal: a de pólo indutor e atraente para indústrias leves, de ponta, e essencialmente limpas. Com mananciais de água altamente valorizados para o abastecimento da crescente população da região do Entorno, a capital federal não se pode dar o luxo de permitir a instalação de indústrias poluentes a suas margens, sob o risco de desabastecer a cidade nos quatro a seis meses de seca anuais.

INFORMÁTICA E TECNOLOGIA

“O que queremos atrair para cá é a indústria limpa, indústrias sujas não nos interessam nem sob a justificativa da absorção de mão-de-obra”, ressalta Antonio Fábio Ribeiro, presidente da Federação das Indústrias do Distrito Federal (Fibra). Entre as áreas que mais interessam à economia local, e que têm maior mercado potencial, ele aponta aquelas que apóiam a área de serviços, como a de informática, fornecimento de equipamentos e periféricos, e desenvolvimento de tecnologia em geral.

De acordo com as estatísticas da Fibra, as indústrias de informática do Distrito Federal conseguiram manter sua liquidez em alta, apesar de praticamente um ano de redução constante da margem de lucro e da estabilização dos níveis de vendas, produção e estoques. No item liquidez, inclusive, é o único entre os doze setores pesquisados trimestralmente a registrar alta.

Outra área importante para Brasília é a que se destina ao consumo local. Ribeiro lembra que “70% do que a cidade consome vem de fora”, e que mesmo quando o produto é manu-



faturado aqui, os insumos têm de ser trazidos de outras localidades. “Uma camisa, por exemplo, pode ser comprada de uma confecção local, mas o tecido, a linha, os botões e tudo o mais terão que ser trazidos de fora, enquanto poderiam ser fabricados por aqui, barateando os custos”, exemplifica, garantindo que existe uma demanda para justificar o investimento.

Com a implantação do Corredor Centro-Leste e do “porto seco” em Brasília, Ribeiro acredita que está se abrindo um grande potencial para a região no setor da agroindústria. Desenvolvido principalmente para o escoamento da safra agrícola de grãos, o Corredor que liga Brasília aos portos de Vitória e Tubarão, no Espírito Santo, representa para o presidente da Fibra o reforço de uma nova imagem para a cidade — a de pólo exportador.

“Estamos negociando

com a Receita Federal a criação de um entreposto aduaneiro para o ‘porto seco’, e acreditamos que esse corredor ferroviário deverá incentivar não só a produção agrícola, mas o estabelecimento de indústrias que agreguem algum nível de manufatura aos produtos in natura, o que beneficiaria mais a região”, analisa Ribeiro.

O presidente da Fibra lembra que, no primeiro momento da reforma administrativa, houve grande número de micro e pequenas empresas que abriram, altamente especializadas, mas tiveram de fechar as portas, por causa do total desconhecimento das regras de administração mais elementares. “Hoje estamos fazendo um trabalho de orientação, principalmente com o Sebrae, para evitar que um bom profissional perca seu potencial por ignorância técnica de como levar um negócio”, conta ele.

PRINCIPAIS PONTOS DE CARREGAMENTO

Local	Distância (km)	Terminais*	Capacidade de estocagem (t)
Brasília (DF)	1.848	Conab	25.000
		(ex Cibrazem)	
		ATC Richco	2.400 24.000
Luziânia (DF)	1.848	Casego Ceval	25.000 46.500
Anápolis (GO)	1.778	Plane/Brasol Granol AGEF	60.000 41.000
Catalão (GO)	1.545	Plane/Brasol	60.000
Araguari (MG)	1.441	Casemg	600
Almeida C. (MG)	1.492	Plane/Brasol	1.200
Patrocínio (MG)	1.275	Casemg Plane/Brasol	15.000 1.200
Ibiá (MG)	1.160	Plane/Brasol	1.200
Uberlândia (MG)	1.489	Conab Casemg	100.000 60.000
Uberaba (MG)	1.466	Conab Casemg	25.000 15.000

*Outros terminais estão em estudos, ou com projetos em execução, em conjunto com a RFFSA — em Patrocínio, Pires do Rio, Iraí de Minas e Arcos. Todos os terminais podem ser ampliados.